

As populações indígenas Kaiowá, Kaingang e as populações brasileiras na bacia dos rios Paranapanema/Tibagi no século XIX: conquista e relações interculturais.

Lúcio Tadeu MOTA* *

Resumo: Os povos indígenas Kaiowá e Kaingang que ocuparam as bacias dos rios Paranapanema/Tibagi, sustentaram, com diversos tipos de ações, suas presenças nos seus antigos territórios. Os acontecimentos históricos ocorridos na região no século XIX estão marcados por ações políticas desenvolvidas por essas populações. Essas ações ultrapassaram o simples embate dicotômico índios versus brancos, e nos revelam complexas formulações e estratégias utilizadas pelos diversos sujeitos na conquista de seus objetivos. Nesta perspectiva apresentaremos aqui a história da presença dos Kaiowá e Kaingang nos rios Paranapanema e Tibagi, bem como as estratégias e ações políticas dessas populações para conquistar, manter ou reconquistar seus antigos territórios.

Palavras-Chave: Relações Interculturais, História Indígena, Populações e fronteiras Índios Kaingang, Índios Kaiowá, Guerra de Conquista.

Abstract: The Indigenous people Kaiowá and Kaingang, that occupied the basins of the rivers Paranapanema/Tibagi sustained, with several types of actions, their presence in their territories. The historical events happened in the area in the century XIX, they are marked by political actions developed by those populations. Those actions crossed the simple collision dichotomic, Indian versus white, and they reveal us complex formulations and strategies used by the social actors in the conquest of their objectives. In this perspective we will present the history of the presence o Kaiowá and Kaingang, here in the rivers Paranapanema and Tibagi, as well as the strategies and political actions of those populations to conquer, maintain or to reconquer their old territories.

Key-words: Intercultural Relations, Indigenous History, Populations and Borders, Kaingang and Kaiowá Indians, War of Conquer.

1. A ocupação do vale do Paranapanema por populações de caçadores coletores pré-cerâmicos.

As bacias dos rios Paraná, Paranapanema, Ivaí, Tibagi e seus afluentes menores foram humanizadas desde o sétimo milênio antes do presente conforme as pesquisas arqueológicas. A arqueologia denominou essas populações caçadoras e coletores pré-cerâmicas de tradições. Restaram na região vestígios das tradições Humaitá e Umbu.

** . Professor Adjunto no Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, e pesquisador no Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações – Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História - UEM. lmora@uem.br lmota@terra.com.br

1 . Para uma síntese das pesquisas arqueológicas sobre a ocupação do sul do Brasil ver o trabalho de Pedro Ignácio SCHMITZ. *Caçadores e coletores da pré-história do Brasil*. São Leopoldo - RS, UNISINOS, 1984.

➤ **Tradição Humaitá**

As populações que os arqueólogos convencionaram chamar de “Tradição Humaitá”, não deixaram descendentes historicamente conhecidos. Por enquanto, é sabido que ocuparam todos os Estados sul-brasileiros e as regiões vizinhas do Paraguai e Argentina entre 8.000 e 2.000 anos atrás. Estudos de seus vestígios mostram que essas populações possuíam as características das culturas do tipo bando, compostas de pequenos grupos (40-60 pessoas) que viviam dentro de amplos territórios. Sua subsistência era baseada em diversas fontes animais, obtidos através da caça, pesca e coleta, bem como de fontes vegetais. A exemplo de outros povos caçador-coletores sul americanos, também deveriam ter uma série de acampamentos sazonais espalhados dentro de um território definido. Estes acampamentos estariam relacionados a uma série de atividades de subsistência, obtenção e preparação de matérias-primas, rituais e lazer. Suas habitações poderiam ser, desde uma simples meia-água até casas mais elaboradas de madeira coberta por palha ou folhas de palmáceas. Eventualmente poderiam ocupar abrigos-sob-rocha (reentrâncias em paredes rochosas).

Seus vestígios mais estudados até o presente, restringem-se aos instrumentos líticos, pois a maior parte de seus objetos eram provavelmente confeccionados com materiais perecíveis que se destruíram ao longo da formação dos sítios arqueológicos. Entre as ferramentas podemos mencionar os grandes instrumentos lascados bifacialmente, lascas usadas para raspar, rasgar, cortar, torneiar, bem como ferramentas para polir, furar, amolar, macerar, moer, pilar e ralar. Eles não elaboravam vasilhas cerâmicas.

➤ **Tradição Umbu**

Também as populações que os arqueólogos chamam de “Tradição Umbu”, não deixaram, descendentes historicamente conhecidos. Os vestígios dessa tradição, marcadamente as pontas de projeteis e resíduos de lascamento, são encontrados em toda a região Sul do Brasil, Uruguai e partes do estado de São Paulo. Esses vestígios foram datados entre 12.000 e 1.000 antes do presente demonstrando a longa persistência desta tradição nos mais variados ambientes da região.

Essas populações ocuparam preferencialmente as regiões de maior altitude nos planaltos do Paraná, principalmente os interflúvios dos principais rios. Nesses locais construíram suas habitações tanto a céu aberto como nos abrigos sobre rochas, e no Rio Grande do Sul e Uruguai, nas áreas alagadiças, construíram os cerritos – aterros artificiais – onde fixaram suas habitações.

A pesquisa arqueológica identificou uma série de sítios líticos pré-cerâmicos pertencentes às tradições Humaitá e Umbu na margem esquerda do rio Paraná e Paranapanema o que mostra a presença dessas populações em toda sua extensão. Além dos sítios identificados sem datação, somente na margem esquerda do Paranapanema são 52, os pesquisadores dataram alguns deles o que evidenciou que as mais antigas populações de caçadores/coletores não Guarani e Jê teriam adentrado na região à

quase 7.000 anos atrás, conforme datações C14 (Carbono 14) e termoluminescência obtidas por diversos pesquisadores como se pode ver na tabela 1.

Tabela 1: Datações de sítios de populações pré-ceramistas na bacia do Paraná e Paranapanema

Data A.P.	Sítio	Lab.	Município	Tradição	Fonte
7020 ± 70	Brito	Gsy 6250	Sarutaia	Humaita	Vialou 1983-84
6910 ± 75	PR/FI/21	SI 4994	Foz do Iguaçu	Humaita	Chmyz 1983
6685 ± 175	José Vieira	Gsy 78	Cidade Gaúcha	Humaita	Emperaire, 1968
6505 ± 105	PR/FI/21	SI 5993	Foz do Iguaçu	Humaita	Chmyz 1983
6265 ± 80	PR/FI/21	SI 4992	Foz do Iguaçu	Humaita	Chmyz 1983
5380 ± 110	PR/QN/1	SI 1014	Mirador	Humaita	Chmyz 1977
5240 ± 150	José Vieira	Gsy 80	Cidade Gaúcha	Humaita	Emperaire
5080 ± 60	Brito	Gsy 6253	Sarutaia	Humaita	Vialou 1983-84
4650 ± 170	Camargo	LRA	Piraju	Umbu	Pallestrini e Chiara 1978
4260 ± 60	Brito	Gsy 6251	Sarutaia	Humaita	Vialou 1983-84
4065 ± 75	PR/FO/49	SI 5045	Guaira	Humaita	Chmyz 1983
3920 ± 60	Brito	Gsy 6254	Sarutaia	Humaita	Vialou 1983-84
3600 ± 160	Almeida	Gsy	Tejupá	Humaita	Pallestrini 1975
3435 ± 175	José Vieira	Gsy 82	Cidade Gaúcha	Humaita	Emperaire, 1968
2850 ± 60	PR/FI/21	SI 4995	Foz do Iguaçu	Humaita	Chmyz 1983
2500 ± 70	Lagoa S. Paulo		Presidente Epitácio		Kashimoto 1997
2400 ± *	Almeida	IEA	Tejupá	Humaita	Vialou 1980
2060 ± 230	Camargo	LRA	Piraju	Umbu	Pallestrini e Chiara 1978
2035 ± 70	PR/FI/21	SI 4991	Foz do Iguaçu	Humaita	Chmyz 1983
1500 ± *	Almeida	IEA	Tejupa	Humaita	Pallestrini 1975
1030 ± 85	Camargo	LRA	Piraju	Umbu	Pallestrini e Chiara 1978
310 ± 50	PR/JÁ/5	SI 139	Cambará	Humaita	Smithsonian

* Termoluminescência.

2. A ocupação do vale do Paranapanema por populações indígenas históricas: os “Guarani”² e os Kaingang até a chegada dos europeus em 1500.

➤ A população “Guarani”.

Sobre a presença dos “Guarani” no sul do Brasil, Francisco S. Noelli faz uma síntese do debate da expansão dos Tupi que surge pela primeira vez em 1838 com Karl F. Ph von Martius, e continua até nossos dias. De acordo com Noelli, que se sustenta nos trabalhos José P. Brochado, a expansão dos Guarani teria tido seu ponto de origem em algum lugar na Amazônia em direção ao sul, onde ocuparam as bacias dos rios Paraguai, Paraná e Uruguai e seus afluentes.

A bacia do Paranapanema em sua junção com o médio Paraná é considerada, como já foi sugerido em outra publicação (Noelli, 2000), para o caso dos Guarani, como a “porta de entrada” para o Paraná e o sul do Brasil. O conjunto das pesquisas indica que as populações Guarani, em contínuo processo de crescimento demográfico

2. Colocamos Guarani entre aspas devido a discussão existente sobre essa questão do Guarani genérico ou “Guarani de Papel”, que não cabe retomá-la aqui, mas para maiores detalhes ver dentro outros: Jorge Eremites de OLIVEIRA. Cultura material e identidade étnica na arqueologia brasileira: um estudo por ocasião da discussão sobre a tradicionalidade da ocupação Kaiowá da terra indígena Sucuri; Revista de Arqueologia, 19:29-49, 2006. F. S. NOELLI. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. Revista de Antropologia, São Paulo, 1997, 39(2):7-118. A.L.R. SOARES. Guarani: organização social e arqueologia. Porto Alegre, Edipucrs, 2003. F. MURA. O tekoha como categoria histórica: elaborações culturais e estratégias kaiowa na construção do território. Fronteiras, 8(15): 109-143.

3. Cf. Francisco Silva NOELLI. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. Revista de Antropologia, São Paulo, 1997, 39(2):7-118. Nesse mesmo trabalho Noelli utiliza o termo expansão para definir os deslocamentos dos Guarani, ele significa; *distensão, alargamento, alastramento, com o sentido de ir conquistando novas áreas sem abandonar as anteriores*. Pois, o termo migrações, comumente utilizado, *significa etimologicamente, em sua origem latina, movimento saindo de um lugar para outro, abandonando sua região de origem*, o que não é adequado para explicar o deslocamento guarani.

e de expansão territorial, a partir do sudoeste da Amazônia (bacia do rio Guaporé), teriam sucessivamente ocupado a área do atual Mato Grosso do Sul e, através da bacia do Paraná, ingressado no sul do Brasil pelo noroeste paranaense (Brochado 1984; Noelli 1998, 1999-2000). Isto ocorreu antes de 2500 A.P. (Antes do Presente), apesar de ainda não haver datações para este período. As datas mais antigas para os Guarani, na área do rio Paraná, iniciam a partir de 2000 A.P.

Tabela 2: Datas de sítios de populações ceramistas Guarani (* = termoluminescência) nas bacias do Paraná, Paranapanema e Ivaí.

Data A.P.	Sítio	Laboratório.	Município	Fonte
2010 ± 75	PR/FI/140	SI 5028	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
1668 * ±	Ragil	FATEC	lepê	Faccio 1998
1625 ± 60	PR/FI/118	SI 5021	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
1565 ± 70	PR/FI/99	SI 5019	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
1493 ± 100	MS/PR/85	FATEC	Brasilândia	Kashimoto 1997
1490 ± 45	PR/FL/21	SI 1011	Doutor Camargo	Brochado 1973
1395 ± 60	PR/FI/142	SI 5033	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
1380 ± 150	José Vieira	Gsy 81	Cidade Gaúcha	Emperaire, 1968
1248 ± 100	MS/PR/64	FATEC	Brasilândia	Kashimoto 1997
1235 ± 60	PR/FI/97	SI 5016	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
1130 ± 150	SP/AS/14	SI 422	lepê	Chmyz 1969
1093 * ±	Ragil 2	FATEC	lepê	Faccio 1998
1065 ± 95	PR/ST/1	SI 695	Indianópolis	Brochado 1973
1015 ± 75	MS/PR/64	Gsy	Brasilândia	Kashimoto 1997
980 ± 100	SP/AS/14	SI 709	lepê	Smithsonian
930 * ±	Alvim		Pirapozinho	Kashimoto 1997
909± 80	MS/PR/90	FATEC	Três Lagoas	Kashimoto 1997
760 ± 40	PR/FO/4	SI 5039	Guaira	Chmyz 1983
755 * ±	Neves	FATEC	lepê	Faccio 1998
745 ± 75	PR/FI/140	SI 5027	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
700 ± 55	PR/FI/112	SI 5036	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
625 ± 55	PR/FI/100	SI 5020	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
625 ± 40	MS/PR/35	FATEC	Bataguçu	Kashimoto 1997
610 ± 120	PR/ST/1	SI 696	Indianópolis	Brochado 1973
600 ± 60	PR/FI/103	SI 5029	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
590 ± 70	PR/FL/15	SI 699	Doutor Camargo	Brochado 1973
590 ± 55	PR/FI/127	SI 5024	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
580 ± 40	MS/PR/39	FATEC	Bataguçu	Kashimoto 1997
565 ± 32	MS/PR/55	FATEC	Bataguçu	Kashimoto 1997
560 ± 60	PR/FL/23	SI 700	Doutor Camargo	Brochado 1973
540 ± 60	PR/ON/2	SI 697	Mirador	Brochado 1973
530 ± 55	PR/NL/7	SI 6400	Diamante do Norte	Chmyz 1986
500 ± 45	PR/UV/16	SI 1015	União da Vitória	Chmyz 1977
490 ± 60	PR/FO/3	SI 5040	Guaira	Chmyz 1983
480 ± 30	MS/PR/26	FATEC	Bataguçu	Kashimoto 1997
480 ± 30	MS/PR/98	FATEC	Três Lagoas	Kashimoto 1997
475 ± 45	MT/IV/1	SI 1017	Bataiporã	Chmyz 1974
470 ± 100	PR/FL/5	SI 694	Paraíso do Norte	Brochado 1973
432 ± 32	MS/PD/04	FATEC	Anaurilândia	Kashimoto 1997
425 ± 25	MS/IV/08	FATEC	Anaurilândia	Kashimoto 1997
415 ± 75	PR/FI/104	SI 5032	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
395 ± 60	PR/FI/142	SI 5034	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
370 ± 20	MS/PR/22	FATEC	Bataguçu	Kashimoto 1997
340 ± 60	PR/FI/118	SI 5023	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
300 ± 115	PR/FL/5	SI 693	Paraíso do Norte	Brochado 1973
280 ± 15	MS/PR/46	FATEC	Bataguçu	Kashimoto 1997
275 ± 20	MS/PD/07	FATEC	Anaurilândia	Kashimoto 1997
260 ± 70	MT/IV/1	SI 1016	Bataiporã	Chmyz 1974
255 ± 80	PR/FI/97	SI 5017	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
245 ± 15	MS/PR/41	FATEC	Bataguçu	Kashimoto 1997
240 ± 30	MS/PD/06	Gsy	Anaurilândia	Kashimoto 1997
239 ± 10	MS/PR/13	FATEC	Anaurilândia	Kashimoto 1997
230 ± 80	PR/FI/22	SI 5015	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
205 ± 80	PR/FI/118	SI 5022	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
195 ± 7	PR/FI/141	SI 5031	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
190 ± 75	PR/FI/98	SI 5018	Foz do Iguaçu	Chmyz 1983
180 ± 60	MT/IV/1	SI 1018	Bataiporã	Chmyz 1974
135 ± 120	PR/FL/13	SI 698	Doutor Camargo	Brochado 1973
110 ± 60	MT/IV/2	SI 1019	Bataiporã	Chmyz 1974

➤ As populações Jê: Kaingang e Xokleng

Na bibliografia arqueológica eles são conhecidos como Tradição Casa de Pedra, Tradição Itararé e Tradição Taquara. Embora exista uma volumosa bibliografia e inumeráveis conjuntos de documentos não publicados sobre os Kaingang, ainda se conhece pouco sobre os seus ascendentes pré-históricos.

Os resultados de estudos comparados - Arqueologia e Linguística - apontam o Brasil central como a região de origem dos Jê do Sul (Kaingang e Xokleng) e a porta de entrada dessas populações para o sul do Brasil teria sido os campos e cerrados do interflúvio Paranapanema/Itararé e Ribeira (Mota, 2000). Trabalhando com a hipótese de que os grupos Jê que se deslocaram do Brasil central para o sul foram ocupando regiões semelhantes as que ocupavam em seus locais de origem, podemos afirmar que após ocuparem os planaltos de cerrados entre os rios Tietê e Paranapanema eles iniciaram a ocupação dos Campos Gerais no Paraná. Esses campos se estendem desde o sul de São Paulo - região de Itapetininga até Itararé, entre as cabeceiras dos rios Paranapanema e Itararé - até a margem direita do rio Iguaçu no segundo planalto paranaense. No século XVII os padres jesuítas fundadores das reduções anotam a presença de grupos não Guarani não região, que eles denominaram de Cabeludos e Gualachos.

Em seguida foram ocupando imensas áreas dos Estados da Região Sul, parte meridional de São Paulo e o leste da Província de Misiones. Embora não existam ainda datas mais antigas que as dos Guarani, é provável que os Kaingang e os Xokleng tenham chegado primeiro na região, pois em quase todo o Estado os sítios Guarani estão próximos ou sobre os sítios arqueológicos dos Kaingang e Xokleng. Com a chegada dos Guarani e, na medida em que estes iam conquistando os vales dos rios, os Kaingang foram sendo empurrados para o centro-sul do Paraná e ou sendo confinados nos territórios inter-fluviais e os Xokleng foram sendo impelidos para os contra-fortes da Serra Geral, próximos do litoral. A partir do final do século XVII, quando as populações Guarani tiveram uma drástica redução, os Kaingang voltaram a se expandir por todo o centro do Paraná. Em meados do século XVIII, com as primeiras expedições coloniais nos territórios hoje denominados Paraná, foi possível conhecer parcialmente a toponímia empregada pelos Kaingang para nominar seus territórios: Koran-bang-rê (campos de Guarapuava); Kreie-bang-rê (campos de Palmas); Kampo-rê (Campo Erê - sudoeste); Payquerê (campos entre os rios Ivai e Piquiri hoje nos município de Campo Mourão, Mamborê Ubiratã e outros adjacentes); Minkrinriarê (campos de Chagu, oeste de Guarapuava no município de Laranjeiras do Sul); campos do Inhoó (em São Jerônimo da Serra). E quando da ocupação da região norte e oeste do Paraná nos anos 30 a 50 do século XX, os Kaingang, que já estavam aldeados em São Jerônimo da Serra e Apucarantina, circulavam pelas matas existentes caçando coletando e pescando nos rios Tibagi, Pirapó, Ivai, Piquiri e seus afluentes.

A sua cultura material também era composta predominantemente por objetos perecíveis e, se compararmos aos Guarani, houveram bem menos estudos e pouco

4. Cf. Lucio Tadeu MOTA. Os índios Kaingang e seus territórios nos campos do Brasil meridional na metade do século passado. In: **Uri Wäxi: estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina, Edel, 2000.

ainda é conhecido. O mesmo ocorre com a cerâmica, porém, os primeiros estudos já mostram que ela era utilizada basicamente para preparar alimentos. Suas ferramentas líticas tinham funções similares às dos Guarani.

Tabela 3: Datas de sítios de populações ceramistas Jê (Kaingang e Xokleng) nas bacias do Paraná, Paranapanema, Ivaí, alto Iguaçu e alto Tietê.

Data A.P.	Sítio	Laboratório	Município	Fonte
855 ± 95	PRUB/4	SI2193	Ubiratã PR	Chmyz 1978
848 ± 70	PR/CT/53	Beta 22644	Campo Largo PR	Chmyz 1995
735 ± 95	PRUB/4	SI2194	Ubiratã PR	Chmyz 1981
595 ± 50	BS19	Gsy 10040	Bairro da Serra SP	De Blasis 1996
558 ± 50	PR/CT/53	Beta 22644	Campo Largo PR	Chmyz 1995
470 ± 95	PRUB/4	SI2192	Ubiratã PR	Chmyz 1978
270 ± 60	Torre de Pedra	Gsy 10041	Bairro da Serra SP	De Blasis 1996

Como podemos observar pelos dados acima as bacias do Paraná, Paranapanema, Itararé, Tibagi bem como seus afluentes foram densamente povoadas por populações caçadoras/coletoras, tradições Umbu e Humaitá e pelos agricultores Guarani e Jê (Kaingang e Xokleng). Na época da chegada dos europeus na América podemos dizer que os grupos falantes da língua Guarani ocupavam além do litoral da baía de Paranaguá para o sul todos os vales dos grandes rios do interior, e os Jê (Kaingang e Xokleng) ocupavam as regiões mais altas nos interflúvios desses rios.

3. Índios e brancos no vale do Paranapanema: séculos XVI ao XIX.

Quando da chegada dos europeus na região os Guarani estavam ocupando vastos territórios nas bacias dos principais rios do Paraná e largas faixas litorâneas desde o sul de São Paulo até o Rio Grande do Sul. Um século depois os Jesuítas implantaram o sistema das Reduções nos vales dos rios Paranapanema, Pirapó, Tibagi, Ivaí e Piquiri, onde na época se calculava existir mais de 200 mil índios. Essas Reduções foram destruídas pelos ataques dos bandeirantes paulistas por volta de 1628/30, e daí em diante grandes contingentes das populações guarani se transferiram para as margens ocidentais do rio Paraná, para as novas missões jesuíticas no Rio Grande do Sul ou foram levadas prisioneiras para São Paulo. Dessa forma houve uma drástica redução de populações guarani na região e outras etnias, como os Kaingang, foram reocupando esses territórios.

Após a destruição do Guairá os Guarani-Kayowá⁵ se concentraram nos territórios a oeste do rio Paraná, *viveram por muito tempo dispersos e errantes, e por fim tomaram por paradeiro as matas que se estendem desde o rio Iguatemy até o Ivinhema ou Iguary, e desde os campos de Xerez até o grande Paraná.*⁶ Mas não deixaram de lutar para reconquistar seus antigos

5. A partir do final do primeiro quarto do século XIX a documentação oficial dos governos provinciais e do império, os relatos de viajantes e outros escritos grafam as populações indígenas da região da bacia do Paranapanema, Paraná e Ivinhema, como os “índios Caiuá”, “Cayuz” e outras formas semelhantes. A grafia Guarani só vai aparecer em alguns documentos pós-guerra do Paraguai quando trata da chegada de grupos vindos da região da guerra ao aldeamento de São Pedro de Alcântara no rio Tibagi. Assim passaremos daqui em diante a tratar essa população de acordo com a documentação, ou seja índios Caiuá, atualizando a grafia para Kaiowá.

6. Cf. João H. Elliot. A emigração dos Cayuz. *RHGB*, 1856, 19(21), p. 434. O Sargento-Mor Theotonio José Juzarte relata em seu Diário da Navegação do rio Tietê, rio Grande Paraná, e rio Guatemi (...), as ameaças que os índios da região faziam ao forte militar de Iguatemi nos anos de 1769 e 1770. *Vivem estes miseráveis, nus, (...) suas carnes são fortes, sua cor é opaca atirando para o vermelho; seu semblante feio, o nariz chato, os olhos vesgados para baixo, a boca grande, no beijo de baixo tem um furo por onde penduram um Canudinho que tem de comprido um bom gemio, e lhe fica pendurado por cima da barba, o qual é fabricado por eles de uma tal resina que parece alambra, tem na cabeça uma coroa à semelhança de Frade Bento, e o mais resto do cabelo, que é preto, solto, e caído pelas Costas, que lhe chega a cintura.* In: Afonso de E. TAUNAY. *Relatos Monçoeiros*. São Paulo, 1976, p. 263. De acordo com a descrição de Juzarte, esses índios que ameaçavam os brancos no Forte de Iguatemi são Kayowá.

territórios a leste do rio Paraná, territórios estes então reocupados pelos índios Kaingang. Nos seus territórios da margem direita do rio Paraná eles viviam cercados pelos Guaicurús, Terenas, e outras tribos inimigas e,

(...) Dos diversos alojamentos dos Cayuaç tem por vezes se desmembrado grupos em procura de outras localidades que melhor proovessem sua subsistencia, e mais bem os defendessem dos acometimentos dos seus numerosos inimigos⁷.

Com os projetos do Barão de Antonina, de abrir uma via de comunicação fluvial até o Mato Grosso e apossar dos campos de criação ao longo dessa via⁸, os Kayowá vislumbraram que a luta pela reconquista de seus territórios a leste do rio Paraná poderia ser viabilizada utilizando-se de suas alianças com o Barão. Dessa forma aceitaram seu convite para mudarem para perto de sua fazenda no vale do rio Verde e Itararé, mas sem abandonarem as terras do outro lado do rio Paraná.

John H. Elliot registrou a presença deles nas proximidades da vila de Itapetininga em São Paulo em 1830.

Ao correr do anno de 1830 (si a lembrança me não falha) appareceu nas vizinhanças da villa de Itapetininga uma porção de índios desconhecidos; eram Cayuaç vindos d'alleo do Paraná. Pelo dizer d'estes índios atravessaram elles o Paraná abaixo da barra do Ivalby, remontaram este rio até as ruinas de Villa Rica, e d'ahi, transpondo-se para a sua margem direita, dirigiram-se para o tibagy, que passaram pouco abaixo dos Montes Agudos, entrando em territórios da comarca de Coritiba; e ao subirem essa cordilheira avistaram uma parte dos Campos Geraes, que d'ali se estendem para o nascente. Por sua qualidade de selvagens não deviam apparecer subitamente n'esses campos, pois que se assim o praticassem expunham-se a recontros com os brancos, e por isso inclinaram-se mais para o norte abeirando o campo, mais ou menos perto, e depois de annos de um viver errante, repassados de privações e vicissitudes, mostraram-se finalmente no município de Itapetininga onde permaneceram algum tempo entretidos em communição com a população d'ali, sem que todavia se decidissem a um estabelecimento fixo. Passados mezes retrabiram-se ás matas, entrando pelos sertões da margem esquerda do Paranapanema, entreposto aos rios Taquary e Itararé.⁹

7. Cf. João H. Elliot. A emigração dos Cayuaç. *RIHGB*, 1856, 19(21), p. 434.

8. Maria do C. WISSENBACH afirma que o Barão tinha 6 sesmarias no baixo Paraguai calculada em aproximadamente 90 mil Km², quase todo o sul do Mato Grosso, além de fazendas nas margens do rio Tibagy. Desbravamento e catequese na constituição da nacionalidade brasileira: as expedições do Barão de Antonina no Brasil Meridional. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 15(30), p. 138, 1995.

9. Cf. João H. Elliot. A emigração dos Cayuaç. *RIHGB*, 1856, 19(21), p. 434-435. Muitos anos depois Curt NIMUENDAJU conta uma versão muito parecida com a que foi coletada por Elliot. Vejamos. (...) *Nanderni, atravessou com a borda o Paraná - sem canoas, como conta a lenda -, pouco abaixo da foz do Ivalby, subindo então pela margem esquerda deste rio até a região de Villa Rica, onde, cruzando o Ivalby, passou-se para o tibagy, que atravessou na região de Morras Agudos. Rumando sempre em direção ao leste, atravessou com seu grupo o rio das Cinzas e o Itararé até deparar, finalmente, com os povoados de Paranapitinga e Pescaria na cidade de Itapetininga. As lendas da criação e destruição do mundo*. São Paulo, 1987, p. 9. Apesar de muito parecidas, Nimuendaju não cita a versão de Elliot publicada em 1856. Cabe perguntar, Nimuendaju e Elliot estão tratando de um mesmo grupo ou são grupos diferentes que vieram em épocas diferentes pela mesma rota? Porque Elliot que teve contato com esses Kayowá em 1845, portanto a apenas 15 anos de sua chegada nos campos de Itapetininga, não menciona que eles estavam rumando para o mar em busca da terra onde não mais se morre como faz Nimuendaju. Essas e outras questões são complicadores da interpretação que coloca os deslocamentos e a presença dos grupos Guarani no vale do Paranapanema no século XIX como movimentos religiosos em busca do Ivý maraéy (Terra sem mal). A discussão sobre a questão da Terra sem Mal, tem uma longa tradição entre os estudiosos dos povos Guarani e não caberia incorporá-la aqui. Além do texto citado de Nimuendaju que inspirou e continua a inspirar muitos trabalhos na área, ver ainda: Alfred METRAUX. *Migration Historiques des Tupi-Guarani*, 1974. Egon SCHADEN. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*, 1974; *Movimientos religiosos derivados de la aculturación*, 1982, e outros artigos publicados na *Revista de Antropologia*. Ainda na mesma linha de Nimuendaju ver também Hélene de CLASTRES. *La Tierra Sin Mal: el profetismo Tupi-Guarani*, 1975. Numa perspectiva mais ampla e histórica que busca ultrapassar a explicação religiosa ver os trabalhos de Bartolomeu MELIÁ, e considerando a migrações Guarani como resultante de outras causalidades temos os trabalhos de Léo CADOGAN.

Passaram dessa forma a ocupar os territórios entre os rios Paranapanema e Itararé, a leste dos territórios Kaingang do Tibagi e a oeste das terras ocupadas pelos brancos.

Na década de 1840 os homens do Barão de Antonina fizeram contato com grupos Kayowá que viviam nas margens do rio Ivinheima no Mato Grosso, e fizeram o convite para eles mudarem para suas terras em São Paulo.

(...) certo é que no dia 11 ou 15 de julho daquele anno (1840) uma expedição navegava o rio tibagy abaixo, indo desembarcar em Albuquerque a 9 de setembro, depois de uma viagem de 3 mezes, cheia de contrariedades e embarações. No regresso a expedição, descendo o rio Ivinheima, encontrou em sua margem direita um toldo de índios Cahynús, travando com elles relações de amizade, attenta as boas disposições que mostravam. Do intuito talvez de attrahir esses índios para mais perto, resolveu o Sr. Barão de Antonina mandar abrir uma picada que facilitasse um bom porto de embarque no Tibagy, e ao mesmo tempo proporcionasse o melhor trajeto possível a quem, por essa via de comunicação fluvial recentemente descoberta, quizesse emprehender viagem para Mato Grosso.

No início de setembro de 1843 os Kayowá que já tinham suas moradias nas margens do rio Taquary, perto da cidade paulista de Itapetininga, desde os anos de 1830, visitaram o Barão de Antonina em sua fazenda de Perituvá. Visita esta que Antonina relatou ao presidente da província de São Paulo o Sr. Luis de Souza.

Ilmo. E Exmo. Sr. - appareceram botem, (1/9/1843) voluntariamente n'esta fazenda nove indígenas d'ambos os sexos pertencentes a uma tribu, que se acha alojada na margem esquerda do rio Taquary, não muito longe da Faxcina.

Após recebê-los Antonina diz ter feito um minucioso interrogatório sobre a sua situação. Era uma tribo composta de 200 pessoas que tinham suas moradias já há muitos anos nas margens do Taquary. Comercializavam cera e mel em troca de ferramentas e vestuários com as populações brancas vizinhas. As queixas dos Kayowá ao Barão foram que eles estavam desgostosos com o lugar que viviam, por causa da falta de caça e a invasão de suas terras pelos brancos, por isso queriam mudar para uma localidade mais distante. Eles foram reivindicar ao representante do Império a demarcação de novas terras onde os brancos não pudessem entrar, pois seus atuais territórios nas imediações da vila de Itapetininga tinham sido invadidos pelas populações

Dentre os trabalhos recentes que tratam dessa questão enfocando a parcialidade Guarani-Mbya podemos destacar entre outros o de Maria Ines LADEIRA, *O Caminhar sob a luz - o território Mbya à beira do oceano*. Aldo LITAIFF, *As divinas palavras: identidade étnica dos Guarani-Mbya*, ambos ainda conservam a perspectiva inaugurada por Nimuendaju. Fazendo a crítica a essa perspectiva de que: *A maioria dos estudiosos preservou e/ou simplesmente, transcreveu a expressão "Terra Sem Males"(TSM), citada por NIMUENDAJU ([1914]1987), para justificar tudo quanto se relaciona às migrações numa ampla abrangência temporal e espacial. Assim, a TSM tornou-se a panaceia para todos os males, principalmente os gerados pela unanimidade*, temos o excelente trabalho de Ivori J. GARLET, *Mobilidade Mbya: história e significação*, mestrado defendido na PUC-RS em 1997. Dessa forma, adotaremos as hipóteses que colocam as movimentações dos povos Guarani como sendo pluri-causais, e manteremos nossa hipótese de que, no século XIX, os Kayowá que se transferiram dos seus territórios no Mato Grosso para o vale do Paranapanema, estavam disputando esses territórios, a leste do rio Paraná, com os Kaingang,

10. (LISBOA, 15/02/1872:57). John Elliot se refere a essa expedição que tinha descido o Paranapanema e Paraná rumo ao Mato Grosso, quatro anos antes da sua em 1845, como sendo comandada pelo Sr. Borges. Cf. John H. ELLIOT. As "entradas" de Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliot. RIHGESP, 28, p. 249. Com certeza era o alferes Antonio Pereira Borges que em 1842 tinha comandado a Companhia exploradora

locais. Queriam do governo a garantia de territórios indevassáveis e permanentes para a sua gente, estavam presenciando que os territórios que tinham reconquistados dos Kaingang estavam sendo ocupados pelos brancos. E, Antonina reconheceu que a conquista das *excellentes terras* dos vales do Paranapanema e Itararé pelos brancos se devia aos Kayowá.

*(...) por quanto, antes d'elles para abi virem estabelecer-se, era esse terreno occupado pela tribu dos Goyanazes, (Kaingang) que por sua ferocidade e continuos actos de barbaridade, que praticavam não só os moradores, como com os que transitavam por esta estrada, tornaram-se formidaveis e temidos; e por isso impediã a povoação, já não digo do sertão, mas até dos campos mais próximos a elle. Hoje, porém, esta tribu de que fallo, sendo inimiga dos Goyanazes, serve como de um ponto avançado, que nos defende dos assaltos d'estes; e assim tem facilitado a cultura de muitas e excellentes terras antes abandonadas, e dado segurança aos moradores e viandantes que passam por essa estrada, ainda há bem poucos annos perigosissima.*¹¹

Os Kaingang lutavam contra a invasão de seus territórios nos campos gerais atacando as fazendas que ali se implantavam e os viajantes que transitavam pela estrada que ligava Sorocaba ao Rio Grande do Sul. Fica evidente que também travavam uma guerra tribal contra os Kayowá na disputa desses territórios. Por sua vez os Kayowá faziam uma política de boa vizinhança com os brancos das adjacências para terem acesso aos seus bens, não apenas ferramentas e roupas como relata Antonina, mas inclusive armas de fogo que os possibilitava sustentar a guerra com os Kaingang e se manterem em suas terras. Por outro lado às populações brancas aproveitavam da guerra tribal entre Kaingang e Kayowá para expandirem suas conquistas e apossarem-se das excelentes terras dos vales dos rios Paranapanema e Itararé. Por isso o empenho do Barão de Antonina junto ao governo provincial de São Paulo para conseguir recursos que viabilizassem a fixação dos Kayowá cada vez mais no interior dos territórios dos Kaingang.

*Parece-me pois de transcendente utilidade que se empregam todos os meios possíveis para fixar esta tribu n'este sertão, (...)procurar crear entre os indigenas as necessidades do homem civilisado facultando-lhes para isso, gratuitamente os meios necessários. (...) que se escolhesse um lugar conveniente no sertão, (...) e abi principiar-se uma especie de aldeamento, junto ao qual se mandariam fazer roças para o mantimento por tres ou mais annos consecutivos, á custa dos cofres publicos, fornecendo-se ao mesmo tempo aos indios alguma ferramenta ou vestuário todos os annos. (...) ensiná-los a criarem porcos, aves e mesmo dar-lhes algum gado. (...) em breve elles se tornariam homens uteis á sociedade, e continuariam a prestar-nos os mesmos serviços de defeza contra as tribus ferozes.*¹²

dos campos de Paiqueré também a mando do Barão de Antonina, sobre ela ver relato de Antonina na [RIHGB](#), 1843, 5:109-177.

11 . Cf. João da Silva Machado (Barão de Antonina). Cópia da participação oficial, que em data de 2 de Setembro de 1843 dirigiu João da Silva Machado (hoje barão d'Antonina) ao governo da provincia, acerca dos alojamentos de indígenas no municipio de Itapeva. [RIHGB](#), 1846, 8:251.

12 . Cf. João da Silva Machado (Barão de Antonina). Cópia da participação oficial, que em data de 2 de Setembro de 1843 dirigiu João da Silva Machado (hoje barão d'Antonina) ao governo da provincia, acerca dos alojamentos de indígenas no municipio de Itapeva. [RIHGB](#), 1846, 8:252.

A estratégia do Barão foi de utilizar-se do dinheiro público da província para transformar os Kayowá em “homens civilizados”, mas enquanto isso não ocorresse, eles serviriam para defender as populações brancas dos ataques dos Kaingang. Quanto a manutenção da sua guerra com os Kaingang os Kayowá continuariam com ou sem ajuda dos brancos, resta saber se eles estavam de acordo com as idéias de Antonina de se transformarem-se em “homens civilizados” adotando o *teko aguije* (modo de ser cristão ou civilizado) abandonando o *teko ei* (modo de ser indígena, antigo), seus costumes seculares em troca de roças de milho, porcos, aves, bois, roupas e ferramentas. O desenrolar dos fatos demonstram que não foi bem como pensava Antonina, os Kayowá queriam sim a proteção e os bens que a sociedade branca poderia lhes fornecer, mas, mais que isso, miravam a longo prazo retomar seus territórios ocupados pelos Kaingang sem deixar seus costumes e modos de vida ancestrais. Continuemos com os fatos e as relações deles com o Barão nessa década de 1840.

Por volta de 1845 os Kayowá já se encontravam nas proximidades do rio Verde, nas terras da fazenda Perituva e, participaram das explorações realizadas nos territórios da bacia do rio Paraná conforme nos relata John H. Elliot. Durante os meses de agosto a dezembro desse ano Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliot, a mando do Barão, exploraram os rios: Verde, Itararé, Paranapanema e seus afluentes, Paraná Ivaí e territórios adjacentes. Elliot nos diz que essa expedição foi a primeira das muitas que eles fizeram por esses rios. Ela partiu a 21/8/1845, com dezenove pessoas, dentre as quais oito índios Kayowá. Embarcaram no rio Verde e fizeram um giro de mais de mil e quatrocentos quilômetros (200 léguas) por territórios indígenas no Paraná. Elliot afirma que além de explorar o rio Paranapanema até sua foz, examinar o rio Tibagi e Pirapó, Paraná e Ivaí, ela também procurava os locais das antigas reduções jesuíticas de São Francisco Xavier, Loreto e Santo Inácio.

No dia 16/8/1845 ela saiu da fazenda Perituva e no dia 18 estava no aldeamento Kayowá do Capitão Manoel, no dia 19 estavam no rio Verde, e no dia 20 chegou o Barão de Antonina com três capuchinhos para despedir dos seus homens. A estratégia do Barão de trazer os Kayowá do Mato Grosso para as terras que tinha apossado no vale dos rios Itararé e Paranapanema estava sendo posta em prática, ele já tinha conseguido aldear o grupo Kayowá que foi procurá-lo em 1843 nas margens do rio Verde. Esse aldeamento era comandado pelo cacique Manoel, e estava a doze léguas (84 Km) adiante da fazenda Perituva na margem esquerda do rio Verde onde seria o Aldeamento oficial de São João Batista da Faxina, hoje Itaporanga. Conforme as informações do Barão ele contava com mais de vinte casas e tinha a oeste uma outra pequena aldeia. Ali se levantou uma cruz e os índios ouviram a pregação do Frei Pacifico de Montefalco. Nesse dia os índios prepararam uma grande festa para a recepção do Barão e sua comitiva. Eles estavam com suas vestes festivas, pinturas, cocares de penas, e demonstraram muita satisfação pela presença do Barão em seu aldeamento. Este por sua vez os presenteou com aguardente, fumo, rapadura, sal, roupas, miçangas e outros brindes que pode ter sido ferramentas de ferro e armas de fogo. Esse acontecimento parece ter sido a cerimônia de fundação do aldeamento de São João Batista da Faxina

e a celebração do acordo dos índios com o Barão. Os termos desse acordo pode ter sido entendido pelos Kayowá que Antonina os ajudaria e os protegeria na empreitada de reconquista de seus territórios ancestrais na bacia do Paranapanema, agora em parte ocupados pelos Kaingang, e pelo Barão de que os Kayowá iriam ajudá-lo a abrir a via para o Mato Grosso e na posse de extensas quantidades de terras nas proximidades dessa via. Coadjuvando o acordo estavam os padres capuchinhos, e executando-o estavam os homens de confiança de Antonina: Joaquim Francisco Lopes e John Henrique Elliot. De qualquer forma os Kayowá reocupavam as terras entre os rios Verde e Itararé em meados do século XIX.

Na expedição, além de Elliot e Lopes, foi o Sr. Vergueiro, genro do Barão, os camaradas brancos e oito índios como guias, assim cumpriam sua parte no acordo. A partir do dia 21 de agosto Elliot relata os acontecimentos dia a dia até 19 de dezembro quando chegam de volta à fazenda Perituva por Ponta Grossa.¹³

Além de ter como objetivo explorar os rios já citados, aos poucos Elliot vai nos revelando outros objetivos da expedição.

(...) acompanhado por um pratico examinou uma porção de cascalho tanto no Rio Verde como no Itararei no lado esquerdo do Itararei pintou muito pouco, tanto na barranca como na praia as pedras são de qualidade de pederneiras. (...) passamos sem dificuldade a cachoeira de Cabriuva não muito forte, por baixo desta examinou-se o cascalho, pinta muito pouco. (...) examinamos o cascalho no Itararei e Paranapanema logo abaixo mas pintou pouco. (...) examinou-se algum cascalho em huma barranca alto não deu melhor prova, sempre acabou-se alguns pingos de agua e pedras Carmelinas. (...) acabou-se muitos cristaes, Carmelinas, Pingos e outra de huma formação singular, lavamos ainda cascalho mas não deu mostra de ser aurífero. (...) O rio Cuzza mostra ser diamantino mas não aurífero. (...) Tendo nós resolvido de seguir outra vez pelo Tibagy (...) examinemos o Ribeirão acabou-se algumas pedras chistalinas mais nada de ouro.¹⁴

Assim, dia a dia os membros da expedição, auxiliados por um pratico, foram examinando os cascalhos dos rios por onde navegavam a procura de evidências de metais e pedras preciosas. Também eram relatadas as riquezas vegetais. Uma por uma as madeiras e as arvores frutíferas foram descritas e anotadas; eram guaruvas, palmitos, guarirouvas, jarevás, guareiuvas, jaboticabeiras, jutibas, genipapos, pitangueiras, perobas, copauvas, figueiras branca, laranjeiras silvestres. Abundantes e fartos eram os rios em peixes, destacando-se os dourados nas corredeiras e cachoeiras do Paranapanema, e em suas margens os barreiros repletos de aves e animais comestíveis, confirmando as riquezas naturais contidas nesses territórios.

Um pouco acima afirmamos que os Kayowá estavam tentando reconquistar

13. Sobre essa expedição temos um Resumo publicado na RIHGB, 9:17-42, 1848. Esse Resumo é a edição de um manuscrito ofertado pelo Barão ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Temos também uma versão dessa expedição do próprio John ELLIOT. As entradas de Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliot, que foi publicada por Plínio Ayrosa na RIHGESP, 28:219-267. Conforme Ayrosa o Barão de Antonina se apoiava nos originais de Elliot e fazia a descrição a seu modo alterando as sequências dos fatos. Usaremos aqui a versão de Elliot publicada por Plínio Ayrosa.

14. Cf. John H. ELLIOT. As "entradas" de Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliot. RIHGESP, 28, p. 219-267.

seus antigos territórios na bacia do Paranapanema agora ocupados pelos Kaingang. Os atritos e escaramuças entre os Kayowá e os Kaingang marcavam a história desses povos nos últimos três séculos (XVII, XVIII, XIX). Tanto que quando os Kayowá vieram para a região, a expansão de 1830, eles foram se alojar nas proximidades da vila de Itapetininga, na fronteira da ocupação, onde brancos e Kaingang estavam em conflito. Mais tarde, em 1843 mudaram-se para oeste na confluência do rio Verde no Itararé onde seria o aldeamento de São João da Faxina, e muito tempo depois, quando o Barão de Antonina já tinha implantado a colônia Militar do Jataí é que eles vieram morar no recém fundado aldeamento de São Pedro de Alcântara, isso já na década de 1850, até então eles estavam no aldeamento de São João Batista da Faxina. Nesse momento, por volta de 1845, os Kaingang tinham o domínio das terras que margeavam o rio Tibagi, Cinzas, Laranjinha e Itararé, e os Kayowá temiam circular por esses territórios. Pois, assim que a expedição de Lopes e Elliot chegou na foz do Tibagi no Paranapanema os oito índios Kayowá, inclusive o cacique José, começaram a demonstrar sinais de que aquelas terras eram perigosas para eles.

(...) logo para cima da barra dois dos Índios mostraram repugnancia para seguir e o senhor Vergueiro mandou-lhe para traz para seguir para a ilha da India com huma canoa para esperar a volta do senhor Lopes. (...) os dois Índios que tinha ficado com nós de repente desapareceu, (...) Hoje (18 de setembro) os Índios mostrou repugnancia de seguir mais adiante allegando o seu receio dos Índios Bravios que nós podiam encontrar, e vendo eu toda a nossa retorica não podia (...) para nos acompanhar, o senhor Vergueiro concertou com elles voltarem em huma canoa, e escreveu por elles para o senhor Barão.¹⁵

Os oito índios Kayowá que acompanhavam a expedição se recusaram de todas as formas a entrarem e explorar o rio Tibagi e suas adjacências. Eles abandonaram a expedição quando Vergueiro insistiu em subir o rio Tibagi. As terras do Tibagi eram territórios proibidos para os Kayowá naquele momento. Os oitos Kayowá retornaram ao aldeamento de São João Batista e a expedição, com apenas 11 homens, seguiu seu destino descendo o rio Paranapanema e Paraná, e subiram o rio Ivaí até onde seria a Colônia francesa de Teresa Cristina, de onde retornaram por terra à fazenda Perituvá.

Após as explorações dos territórios Kaingang na Serra dos Agudos e vale do rio Tibagi nos anos de 1846 e 1847,¹⁶ Antonina ordenou a seus homens, Lopes e Elliot, que estabelecessem um porto de embarque no rio Tibagi após as corredeiras da Serra dos Agudos. Em junho de 1847, Elliot, Lopes e mais três camaradas ali embarcaram rumo a província vizinha. O objetivo dessa viagem era descobrir a via fluvial pelo Tibagi até a província do Mato Grosso. Nessa viagem não levaram seus guias Kayowá e, Elliot informou que encontraram os índios *Cainás* (seriam os Xetá ?) na margem direita do rio Paraná em algum lugar do rio Ivinheima, da mesma tribo que eles tinham encontrado em 1845 no rio Ivaí. Assim aos poucos eles foram mantendo contato com

15 . Cf. John H. ELLIOT. As “entradas” de Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliot. *RIHGESP*, 28, p. 242-243.

16 . Cf. John Henrique ELLIOT. Itinerário das viagens exploradoras pelo Sr. Barão de Antonina para descobrir uma via de comunicação entre o porto da villa de Antonina e o Baixo-Paraguay na província de Mato-Grosso: feitas nos annos de 1844 a 1847 pelo sertanista o Sr. Joaquim Francisco Lopes e descriptas pelo Sr. João Henrique Elliott. *RIHGB*, 1848, 10:153-177.

os grupos falantes da língua Guarani que habitavam a margem ocidental do rio Paraná, seguindo a estratégia do Barão de Antonina de povoar o vale do Paranapanema e Tibagi com os índios aliados naquele momento.

No ano seguinte, em outubro de 1848 Joaquim Francisco Lopes embarcou no rio Congonhas, afluente do Tibagi, novamente rumo ao Mato Grosso para verificar as possibilidades da via fluvial do Paraná a essa província. *Esta expedição cujo commando me estava confiado compunha-se de nove pessoas e de um interprete ou linguará, que havia ido do aldeamento de S. João Baptista.*¹⁷ Subindo o rio Ivinheima Lopes encontrou o aldeamento do cacique Libanio, com quem conversou e ofereceu-lhe presentes.

*Por via do meu linguará me dirigi especialmente ao cacique Libanio. Este indio é de proporções athleticas, alto, reforçado e de uma physionomia insinuante respirando nas maneiras franqueza e magnanimidade, bem como em suas conversações muito tino e raciocínio. Pedí-lhe que mandasse formar a sua gente em cordão e que estendessem as mãos direitas, sobre as quaes eu fui repartindo os presentes que V. Ex. lhes mandava, sendo muito para notar que elles sem se atropellarem uns aos outros, e mostrando a maior circumspeção, agradeceram á sua moda, e se mostravam muito contentes. Ao cacique colloquei eu na cabeça um barrete vermelho, e cingi-lhe a tiracolo a caneta que serviu a V. Ex. (Barão de Antonina) quando commandante superior da guarda nacional e com cujos presentes elle se mostrou muito satisfeito, a ponto de fazer com o corpo retirado algumas marchas de um para outro lado. Depois de se lhe acalmarem um pouco estas impressões, disse-lhe por via do linguará, que havia um grubixá que era tão protector e amigo dos indios, que chamavam Paby-Guassu, e que a gente da sua nação elle tinha aldêado e dado vestimentas, com que elles estavam satisfeitos e reunidos. Que era elle quem mandava aquelles presentes, e que aquellas insignias tinham sido do seu uso e que por isso as estimassem.*¹⁸

Abrir o caminho comercial até o Mato Grosso pelos rios da bacia do Paraná significava transitar pelos territórios dos Kayowá nas margens ocidentais desse rio, por isso era de extrema importância torná-los aliado.¹⁹ Lopes que já tinha passado na região dois anos antes tinha conhecimento da presença ali dos Kayowá e certamente dos seus caciques, assim nessa expedição, além de estar traçando o caminho, sua missão era de estabelecer contato com as lideranças desses índios, isso justifica os presentes levados

17 . Cf. Joaquim Francisco LOPES. Itinerário de Joaquim Francisco Lopes encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre a província de S. Paulo e a de Matto-Grosso pelo Baixo Paraguay. RIHGB, 1850, 13, p. 315.

18 . Cf. Joaquim Francisco LOPES. Itinerário de Joaquim Francisco Lopes encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre a província de S. Paulo e a de Matto-Grosso pelo Baixo Paraguay. RIHGB, 1850, 13, p. 318. Sobre o cacique Libanio ou Liguajurú como era chamado entre os seus existe uma pequena biografia escrita pelo Frei Emilio da Cavaso que o coloca como um cacique *pacificador, fiel colaborador do missionário, dos colonos e dos construtores do Paraná*. Cf. Emilio da CAVASO. Libanio Iguajurú: nobre figura indígena na história do Paraná. BIHGEP, 1981, 38:161-169.

19 . Nessa viagem alguns índios desse aldeamento mataram os comerciantes Francisco Gonçalves Barbosa, Paulo Rodrigues Soares e José Maria de Miranda que estavam voltando para suas moradas no Mato Grosso com Lopes, enquanto este presenteava e confabulava com Libanio e seu povo os comerciantes resolveram partir adiantado levando com eles três índios que os mataram nas margens do rio Vacaria roubando seus pertences. De volta ao Paraná, Lopes visitou novamente o cacique Libanio e exigiu dele a punição dos índios que tinham matado os comerciantes, Libanio prendeu dois deles e os entregou aos policias do Mato Grosso que acompanhavam Lopes, estes levaram-nos presos para o forte de Miranda. O terceiro índio foi morto por ordens de Libanio, um ano depois, em 1851, havia na *barranca do rio um pau afincado com a cabeça de um homem já secco e Lopes disse o Cassique cumpriu o que me prometen*. Cf. Antonio D. B. PRESTES. Um manuscrito do capitão Antonio D. B. prestes. RIHGSP, 28, p. 779. De acordo com a versão de Prestes, Lopes voltou ao aldeamento de Libanio com 12 soldados do forte de Miranda e ordenou que este prendesse os matadores, como Libanio só prendeu dois deles, Lopes disse que dali a seis meses ele estaria de volta e queria ver o terceiro matador com a cabeça espetada num pau na beira do rio. Esse terceiro matador foi morto com um machadada acima do ouvido.

especialmente para isso e a deferência especial ao poderoso cacique Libanio que comandava sete outros caciques subordinados, num total de quatro mil índios conforme as informações de Lopes. Na sua volta, depois de ter explorado os rios que correm para o rio Paraguai como os que correm para o rio Paraná, e buscar o melhor lugar para o varadouro, Lopes passou mais alguns dias no aldeamento do cacique Libanio onde o aconselhou a não molestar os viajantes brancos que por ali passassem pois dessa forma ele não seria importunado.

(...) Aconselhei-lhe igualmente que se aldeassem em lugar mais conveniente, e que contassem com a proteção do governo e com os favores do Paby-Guassu, (Barão de Antonina) conforme já tem praticado com outros da sua mesma tribu, ao que elle mostrou vivos desejos de assim o fazer, pois que sua a sua gente era muita.

Nessa viagem Lopes, além de explorar o melhor caminho para o Mato Grosso, os campos de criação nos divisores dos rios Paraná e Paraguai que seriam apossados pelo Barão, ele estabeleceu a aliança com o cacique Libanio, chefe dos Kayowá que viviam nos territórios do Ivinheima, acertando com ele a livre passagem dos comboios dos brancos por seus territórios e os convidou para aldearem nas margens do rio Tibagi no Paraná sob a proteção do Barão de Antonina. Libanio se mostrou interessado na proposta de Lopes, indicando a ele que talvez alguns dos seus caciques subordinados pudessem se mudar para o Tibagi, mesmo porque os seus territórios no Ivinheima já estavam saturados com muita gente. Um dos motivos que despertou o desejo de Libanio alargar seus territórios até a bacia do Paranapanema era o crescimento demográfico de seu povo, então ele vislumbrou a possibilidade de expandir seus territórios para o outro lado do rio Paraná, com a proteção do Barão, sem deixar seus antigos territórios no Ivinheima.²¹

De volta ao rio Tibagi, Lopes se incumbiu de começar a implantar ali as instalações da futura Colônia Militar, na barra do ribeirão Jatáí no rio Tibagi. Em 1851 ele estava nessa localidade com 47 índios que tinha trazido do Mato Grosso e se preparavam para uma missão comercial de levar cem (100) cargas de sal para essa província. Na ida, Lopes, Elliot e a comitiva, ficaram quatro dias no aldeamento do cacique Libanio, na volta os irmãos Antonio e Manoel Prestes trouxeram do Ivinheima, para visitar o Barão, um dos filhos do cacique Libanio chamado Iguajú. Antonio D. B. Prestes assim descreveu essa passagem.

(...) toquemos buçina veio o capitão do bando e seis Indios e um filho e 4 assentaram de nos acompanhar onde um delles o filho que puzemo o nome de Cadete no outro

20 . Cf. Joaquim Francisco LOPES. Itinerário de Joaquim Francisco Lopes encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre a província de S. Paulo e a de Matto-Grosso pelo Baixo Paraguay. *RIHGB*, 1850, 13, p. 333.

21 . Os estudos arqueológicos confirmam, *que os Tupi mantinham a posse de seus domínios por longos períodos, expandindo-se para novos territórios sem abandonar os antigos*. Francisco Silva NOELLI. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. *Revista de Antropologia*, 1997, 40: no prelo. Sobre esse assunto ver ainda: José P. BROCHADO. An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America. Urbana-Champaign, University of Illinois at Urbana-Champaign, 1984. Tese Doutorado. Francisco S. NOELLI. *Sem Tekoha não há Teko: em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani a uma área de domínio no delta do Jacuí - RS*. Porto Alegre, PUC-RS, 1993, dissertação de Mestrado.

22 . Cf. Antonio D. B. PRESTES. Um manuscrito do capitão Antonio D. B. prestes. *RIHGSP*, 28, p. 791.

*Pedro (...) embarcaram cada um seu arco e um maço de flexas e fomos descendo o Vinheima abaixo*²²

Já Elliot, assim relatou o envio do filho do cacique Libanio para conhecer os futuros territórios que iriam ocupar como também para conhecer seu protetor.

*(...) o cacique Libanio, que entre elles era conhecido com o nome de Liguajurú, enviou seu filho Iguajú na comitiva do negociante Baptista Prestes a visitar o bom Paby Guassú e a conhecer si era exacto quanto se divulgava do estabelecimento projectado no Tibagy.*²³

Iguajú foi bem tratado na sua estada com o Barão e este reiterou seu convite para que eles viessem morar no Jataí, no local onde estavam começando a construir as instalações da futura colônia militar. Na sua volta Antonina enviou com ele um paraguaio chamado Simão Sanches com presentes para o povo de Libanio-Liguajurú, e com canoas caso eles quisessem vir para o Jataí. Assim que retornou de suas explorações nos campos de Xerez, Sanches encontrou no aldeamento Kayowá do rio Ivinheima, (...) *sete chefes e mais de quinhentos índios de ambos os sexos e de toda a idade dispostos para acompanhá-lo.*²⁴ O cacique Libanio-Liguajurú e alguns de seus caciques subordinados tinham decidido que uma parte de seu povo iriam se mudar para as terras do Paranapanema-Tibagi. Se levarmos em conta as informações que ele deu para Lopes em 1848, que eram mais de 4 mil os seus comandados, estavam transferindo para os antigos territórios do Guairá apenas uma pequena parcela de pouco mais de 10% do seu povo. A primeira providência de Sanches foi transferir os 500 Kayowá para o lado esquerdo do rio Paraná, recomendando que eles fossem subindo a pé o rio Paranapanema enquanto ele fazia a travessia dos demais desde o aldeamento do Ivinheima. A segunda providência foi solicitar que lhes enviassem do Jataí mais suprimentos para alimentar os índios, já que eles não se preocuparam em trazer nenhuma provisão. Assim os Kayowá foram subindo lentamente o Paranapanema até chegarem nos barreiros de caça abaixo do rio Pirapó, onde ficaram a espera de Sanches, que subia o rio embarcado com o resto dos índios. No entanto nesse ínterim dois fatos desarticularam essa primeira tentativa de trazer os índios até o Jataí. Primeiro foi a morte de Sanches nas águas do rio Paraná, isso causou desalento nos Kayowá que estavam com ele, e o segundo foi o mal tratamento recebido por um grupo Kayowá que tinha vindo junto com os homens de Sanches buscar provisões no Jataí. Devido a esses maus tratos eles fugiram e foram encontrar com os que tinham ficado abaixo do Pirapó, ali contaram seus sofrimentos e fizeram suas queixas contra os brancos que lhes haviam prometido muitas coisas e tinham feito o contrário. Este grupo que tinha caminhado a pé Paranapanema acima espalharam-se pelas matas adjacentes, e os que estavam subindo nas canoas com Sanches nelas retornaram para o Ivinheima. Dessa forma frustou-se a primeira tentativa de trazer os Kayowá até o Jataí no ano de 1852.

23 . Cf. John H. ELLIOT. A emigração dos Cayuaz. *RIHGB*, 1856, 19(21), p. 436.

24 . Cf. John H. ELLIOT. A emigração dos Cayuaz. *RIHGB*, 1856, 19(21), p. 437.

25 . Cf. John H. ELLIOT. A emigração dos Cayuaz. *RIHGB*, 1856, 19(21), p. 439.

Mas em junho desse mesmo ano o Barão de Antonina organizou outra expedição sob o comando de John H. Elliot e com quatro interpretes vindo de São João da Faxina com o objetivo de trazer até o Jataí os Kayowá do rio Ivinheima.

Encarregado pois d'esta comissão, parti da fazenda de Pirituva em 24 de julho de 1852, (...) A 20 d'este mês (setembro) prossegui minha viagem e a 22 cheguei á colonia no porto do Jataby, (...) na noite de 30 chegamos á foz do Pirapó.²⁵

Dois dias depois Elliot encontrou os primeiros trinta Kayowá nas margens do rio Paranapanema na altura da Serra do Diabo. Eram remanescentes da expedição de Sanches comandados pelo cacique Imbirapâpâ. Este informou que havia mais quatro chefes com seus grupos espalhados na região, imediatamente Elliot enviou o cacique Inácio e outro interprete que tinham vindo de São João da Faxina, para encontrar esses grupos. Passados cinco dias começaram a chegar os caciques e sua gente; primeiro Imbiará, depois os caciques Imbaracahy e Oquê, e por ultimo o cacique Egípapajú com quatorze índios. Dessa forma Elliot conseguiu reunir cento e setenta Kayowá que tinham se espalhado nas margens do Paranapanema desde o rio Pirapó até sua foz no Paraná.

Então fiz-lhes entender mediante os interpretes; que Paby Guassu, me enviara para reparar os males que lhes sobrevieram, (...) e para renovar-lhes o convite que lhes fizera e de que jamais se esquecera. Que nos seus antigos alojamentos viviam continuamente na miséria pela mingua já há muito sentida de recursos para sua manutenção, além de estarem sempre sobressaltados pelo temor dos inimigos de que se achavam rodeados. (...) Depois d'isto contei-lhes miudamente a abundancia que encontrariam nas margens e florestas do Tibagy, cheias de palmitos, ricas em fructa, caça e mel, e o rio sobejando em peixe, e por fim que iriam ali deparar com a mão protectora e generosa de Paby Guassu que os defenderia de seus inimigos, e lhes socorreria em suas necessidades.²⁶

Elliot parece ter dito o que os Kayowá gostariam de ter ouvido. Que seus territórios nas margens ocidentais do Paraná estavam sujeitos aos ataques de seus inimigos com quem mantinham guerras tribais seculares isso eles sabiam. Que devido ao aumento da população havia a necessidade de procurarem novas áreas para seus territórios eles também tinham conhecimento. Que as terras do vale do Tibagi eram férteis e prodigiosas em alimentos eles também já sabiam, pois seus antepassados ali tinham vivido. Podiam até tentar a expansão de seus territórios do Ivinheima: mas, para o oeste encontrariam os temíveis Guaicurus e os Terenas, para o sul deparariam com as populações brancas do Paraguai, ao norte tinham os temidos Kaiapó e Oti-Xavantes. Por outro lado simplesmente atravessar o rio Paraná e tentar a reocupação do Guairá era muito arriscado, já tinham tentado isso e foram barrados pelos Kaingang. Inclusive o próprio pai de Liguajurú fora morto por um cacique Kaingang na Serra dos Dourados quando tentava reaver sua mulher Jacintin raptada pelos Kaingang. Dessa forma a oferta de Antonina era tentadora: ele estava oferecendo-lhes a oportunidade

26 . Cf. John H. ELLIOT. A emigração dos Cayuaz. RIHGB, 1856, 19(21), p. 441.

de reconquista de seus antigos territórios ocupados pelos seus inimigos tribais, dando-lhes proteção e socorrendo-os em suas necessidades. Esta parecia ser a melhor alternativa, aliás já a tinham tomado quando decidiram acompanhar Simão Sanches alguns meses antes. Reunidos os cinco chefes iniciaram a subida do rio em 12 de outubro. As mulheres e crianças foram nas canoas e os homens e meninos a pé pelas margens do rio. Quando chegava a noite Elliot e Lopes pernoitavam no outro lado do rio para evitar desavenças com os Kayowá ou por temê-los. Não esqueçamos da morte dos comerciantes no rio Vacaria e da morte não esclarecida de Sanches afogado no rio Paraná. A marcha rio acima era lenta e estava sob o controle dos índios. Eles determinavam as paradas para a caça, pesca e coleta de alimentos. O cacique Imbaracahy presidia os rituais religiosos diariamente atrasando mais ainda a subida do Paranapanema. A cada dia os Kayowá diminuam o ritmo e pareciam querer parar e ficarem por ali, foram gastos onze dias para andarem sete léguas, isto é, trinta e cinco quilômetros em onze dias ou apenas três quilômetros por dia. Acabaram-se os mantimentos e foram obrigados a parar de vez na foz do rio Pirapó, onde Elliot acabou descobrindo as ruínas da Redução de Nossa Senhora do Loreto. A partir desse ponto Elliot retomou o comando da marcha; praticamente prendeu em sua canoa dois dos caciques mais recalcitrantes, passou a distribuir rações diárias, e as festas noturnas deixaram de acontecer, o tempo chuvoso impedia a caça e a coleta, e os índios *conservavam-se silenciosos e apprehensíveis ou desanimados*. Isso tudo se agravou quando foram descobertos os cadáveres de dois Kayowá na margem direita do Paranapanema. O cacique Imbaracahy contou a Elliot que alguns anos antes,

*(...) um magote de Cayuaz tinha rompido de seu alojamento em busca de melhores localidades, e que atravessando o Paraná acima da barra do Paranapanema nunca mais soube-se do destino de tal gente; supondo-se que cabiria em poder de algumas das bordas dos Xavantes, índios ferozes que vagueam entre os rios Tiête e Paranapanema, ou fôra por elles desbaratada, e que os dous cadaveres encontrados eram d'aquelles que, escapando-se do conflito, foram perseguidos, alcançados e mortos por esses selvagens.*²⁷

As coisas só melhoraram quando os socorros vindos do Jataí encontraram Elliot e os Kayowá já perto do ponto final da viagem. Foram recebidos no Jataí com salvas de fuzis, vivas e felicitações, toques de clarins, cornetas e pifanos o que deixou os índios muito contentes e alegres. Em seguida chegaram às caravanas conduzindo viveres, panos ferramentas, miçangas e muitos outros objetos para serem distribuídos aos recém chegados. Esses foram os primeiros Kayowá que chegaram ao Jataí para formarem ali o aldeamento Indígena de São Pedro de Alcântara que seria dirigido pelo Frei Timotheo de Castelnuovo por mais de 40 anos.

A documentação deixa transparecer a clara intenção dos Kayowá de ocuparem seus antigos territórios na margem direita do Paraná. Já tinham feito tentativas anteriores e foram barrados pela renitente resistência dos Kaingang, então procuraram aproximar-

27. Cf. John H. ELLIOT. A emigração dos Cayuaz. *RIHGB*, 1856, 19(21), p. 445.

se de autoridades brancas que lhes dessem segurança para tais propósitos. Primeiro foram alojarem-se nas fronteiras disputadas pelos Kaingang e brancos nos campos gerais ao longo da estrada de Sorocaba para o Rio Grande do Sul. Depois de um período de mais de dez anos aproximaram-se do Barão de Antonina que lhes amparou na ocupação de territórios nas cabeceiras dos rios Itararé e Verde. Passados mais sete anos suas relações com o Barão lhes propiciaram sua instalação no coração dos territórios Kaingang no vale do rio Tibagi sem, no entanto abandonarem as terras da bacia do rio Ivinheima no Mato Grosso. Instalados nos Aldeamentos religiosos de São Pedro de Alcântara, Nossa Senhora do Loreto do Pirapó e depois em Santo Ignácio, eles procuraram usufruir daquilo que os brancos lhes oferecia nessas localidades. Mas nem bem tinham-se instalados nos aldeamentos oficiais do Império procuraram construir suas moradias longe da influência dos padres e das interferências dos brancos, onde procuraram manter seu modo de vida antigo.

Em 1845 Elliot passou pelo Salto Grande no Paranapanema e não registrou a presença de índios em suas proximidades, em 1852 chegaram na Colônia Militar do Jataí os primeiros 170 Kayowá, e por volta de 1856/7, parte deles já estavam vivendo no aldeamento de Nossa Senhora do Loreto na foz do rio Pirapó no Paranapanema. Passados trinta anos de sua chegada nos campos de Itapetininga, território mais a leste que reocuparam no século dezanove, quinze da sua instalação no vale dos rios Itararé e Paranapanema no aldeamento de São João Batista da Faxina, e apenas oito anos de sua chegada no Jataí, no início da década de 1860, eles já tinham instalado seus aldeamentos nas imediações de Itacorá (Salto Grande) no rio Paranapanema. Nessa época já havia em Itacorá outros que tinham chegado em 1860, e a Assembléia Legislativa de São Paulo já havia aprovado a criação de um aldeamento indígena oficial nessa localidade.

Por outro lado havia descontentamento de certos grupos Kayowá que estavam nos aldeamentos do Paraná, eles não estavam satisfeitos com o tratamento que estavam recebendo do governo provincial paranaense. Por volta de 1862, o cacique Candido Venite procurou o Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, advogado dos índios na província de São Paulo, para que esse intervisse junto ao governo de São Paulo solicitando permissão para que ele e sua gente, um grupo de 80 pessoas, pudessem mudar para o aldeamento de Itacorá. O cacique Venite tinha vindo dos seus territórios do Iguatemi - Mato Grosso - para Nossa Senhora do Loreto e apresentou-se com quatorze pessoas, ao presidente da província do Paraná em 24 de junho de 1861. Essa primeira recepção foi boa para os índios, pois em Curitiba ganharam cada um deles;

*(...) uma espingarda, duas libras de pólvora, quatro de chumbo, quatro caixas de espoletas, calça e camisa, baeta, chapéu, lenço, facão de matto, quinhentos anzóis, navalha de barba, um espelho, um pente, um caldeirão, um prato e uma cuia; as mulheres doze covados de chita, a cada uma, um lenço, um chale, missangas, tesoura, agulhas, linhas, e dois canivetes,*²⁸

28. Conforme o relato que Candido Venite fez a Pinto Junior. In: Joaquim Antonio PINTO JUNIOR. Memória sobre a catechese e civilização dos indígenas da provincia de S. Paulo. Santos, 1862, p. 28, microfilme.

Em troca desses presentes as autoridades paranaenses insistiram para que ele voltasse ao Iguatemi e convidasse seus parentes a virem morar no aldeamento de Nossa Senhora do Loreto. No Iguatemi ele não conseguiu convencer os outros chefes a acompanhá-lo para o Paranapanema, eles enviaram apenas dez índios que o acompanhou de volta a Curitiba onde se apresentaram novamente ao governo em primeiro de fevereiro de 1862. Foram recebidos cortesmente, mas dessa vez não ganharam presentes significativos. Alegando falta de verbas o governo deu lhes apenas *uma foice, um machado, uma camisa e umas calças*, o que causou a desconfiança entre os que lhe tinham seguido até a capital da província. Eles entenderam que o cacique Candido Venite estava de conluio com o governo do Paraná apenas para afastá-los dos seus territórios e alistá-los como soldados, não esqueçamos que o Brasil estava à beira da guerra com o Paraguai. Com esse entendimento eles planejaram matá-lo na volta, percebendo, ele os liberou para voltarem ao Iguatemi e ficou em Nossa Senhora do Loreto. Mesmo ali ele ficou com medo dos seus parentes do Iguatemi, que consideravam-no como traidor, e então resolveu mudar-se para o aldeamento de Itacorá que estava se formando em São Paulo. Para tanto tinha seguido para a capital paulista para conseguir autorização de mudança. Esta foi a versão de Venite, mas em fevereiro de 1862 houveram sérios conflitos entre os Kaingang e os Kayowá em Nossa Senhora do Loreto, talvez aí esteja o verdadeiro motivo da saída de Venite e sua gente desse aldeamento para se abrigarem em Itacorá.

Esse episódio envolvendo o cacique Venite mostra que os Kayowá do Iguatemi estavam se deslocando para as terras no vale do Paranapanema, mas não estavam abandonando seus territórios no Mato Grosso. Não havia uma migração total do povo Kayowá de seus territórios a oeste do rio Paraná para os antigos territórios do Guairá a leste desse rio. Estava havendo o deslocamento de partes deles para as margens do rio Paranapanema e Tibagi, onde estavam sendo criados os aldeamentos indígenas oficiais e estava havendo investimentos do governo imperial, mas, parte deles continuavam em seus territórios ancestrais na margem direita do rio Paraná.

Assim, grupos Kayowá vindos diretamente do Mato Grosso ou dos aldeamentos paulistas do alto Paranapanema e Itararé, ou dos aldeamentos paranaenses do Paranapanema e Tibagi, estavam ocupando os territórios no rio Paranapanema em torno de Salto Grande, extrapolando dessa forma os locais fixados pelas autoridades imperiais para sua instalação, no caso os aldeamentos oficiais. A ocupação das terras na altura de Salto Grande pelos Kayowá era uma realidade, tanto que a Assembléia Legislativa de São Paulo criou ali em 1861 um aldeamento, mas em 1863 o presidente da província de São Paulo informou que este aldeamento ainda não tinha sido implantado.²⁹ Apesar de criado por lei, o aldeamento dos Kayowá no rio Paranapanema, nas imediações de Salto Grande, não chegou a ser transformado em Aldeamento oficial do Império. Ele continuou, por um bom tempo, como território dos Kayowá que ali

29. Sobre a criação desse Aldeamento ver a Lei Provincial n. 16 de 3/8/1861 da Assembléia Legislativa de São Paulo. Sobre a situação do aldeamento em Salto Grande ver Relatório do Presidente da Província de São Paulo, 1863. APESP. Para maiores informações sobre os Aldeamentos Indígenas oficiais em São Paulo e a ocupação das terras do vale do Paranapanema pelos brancos ver: Maria do Carmo DI CREDDO. *Propriedade da terra no vale do Paranapanema - a fazenda Taquaral (1850/1910)*. São Paulo, 1987, Tese de Doutorado em História, FFCH-USP. Célia de Carvalho Ferreira PENÇO. *A "evaporação das terras devolutas" no vale do Paranapanema*. São Paulo, 1980, Tese de Doutorado em Ciências Sociais - Antropologia, USP.

mantinham seu modo de vida antigo apesar dos seus contatos com as populações brancas que estavam ocupando o vale do Paranapanema.

Além das imediações de Salto Grande os Kayowá também ocuparam outras terras no vale do Paranapanema. Outro desses locais foi o vale do rio das Cinzas a meio caminho do Aldeamento de São Pedro de Alcântara no rio Tibagi e o aldeamento de Salto Grande.

As evidências da existência de grupos Guarani vivendo a nordeste das colônias de São Pedro de Alcântara e Jataí estão na documentação do frei Timotheo a partir de 1878. Num ofício de 13 de maio desse ano ele relatou que os índios tinham aberto uma picada, *do rio da Ziza até aqui digo, pelos índios Guarany em numero de trinta.*³⁰ Alguns dias depois ele fez um novo relato da existência de grupos Guarani entre o Jataí e Salto Grande no rio Paranapanema em São Paulo.

*Os índios guarany - que outro ora pertencião a este Aldeamento - e que são em numero de mais de dozentos que daqui se retirarão a muitos annos por não poderem viverem em harmonia para com os índios Caiguas e que residem entre a Colonia do Jataby e a Província de S. Paulo, estão na diligência de abrirem uma estrada entre estas colonias e o salto grande do Paranapanema.*³¹

Aqui temos um fato importante a considerar que necessita de maiores investigações. Esses “Guarany” citados por Frei Timóteo não são os mesmos Kayowá tratados por Elliot e Lopes e que tinham chegado no Jataí por volta de 1852. A documentação da época faz uma clara distinção dos “Cayuás” (Kayowá) e os Guarani que chegaram no vale do Tibagi após a guerra do Paraguai. Tudo leva a crer que eram da parcialidade Nandeva, pois, suas desavenças com os Kayowá conforme relata Frei Timóteo, e a existência deles nas Terras Indígenas de Laranjinha em Santa Amélia e Pinhalzinho em Tomazina contribuem para confirmar essa hipótese.

Mas de volta à localização de seus aldeamentos, encontramos-os nas margens dos rios Laranjinha e Cinzas, na rota da que é hoje a rodovia BR-369, que liga Londrina no Paraná a Ourinhos em São Paulo. Por um outro seu relato de dezembro, frei Timotheo localiza as aldeias desses índios nas margens do rio das Cinzas. *A tribu Guarany pertence a um grande tolido existente no rio da Ziza que seguidamente handão aqui nessa Capital e S. Paulo pedindo generos*³²

Após as doenças ocorridas no aldeamento de São Pedro de Alcântara os índios dispersarão pelas suas proximidades. Um dos grupos Kayowá foi habitar as terras do rio Congonhas conforme nos informa Frei Timotheo.

Os Caiguas abitão ao Norte do Aldeamento principiando do mesmo sementeado no correr do rio Tibagy até para mais de tres legoas, e outros mudarão-se do lado oposto

30 . (Ofício, 13/05/1878, 1878. Vol. 10. p. 192. doc. manuscrito).

31 . (Ofício, 01/06/1878, 1878. Vol. 12. p. 265-266. doc. manuscrito).

32 . (Ofício, 30/12/1878, 1878. Vol. 23. p. 218-223. doc. manuscrito).

*do rio no rio chamado Congonba - causa as bezígas - (...) so venham no aldeamento quando de alguma coisa necessitam - a procurar trabalho.*³³

Eles também começaram a se espalharem pelas margens oeste do rio Tibagi. Em 15/02/1874, o presidente Abranches informou que: *No lugar denominado - Couro do Boi, a 6 Kilometros da colonia, existe um pequeno aldeamento composto de 60 indigenas de idole pacífica, que cultivam milho, feijão e outros produtos, de que fazem permuta com os generos da colonia.*³⁴ Existe ainda hoje um pequeno lugarejo no município de Sertanópolis denominado Couro de Boi, ele fica nas margens de um ribeirão do mesmo nome tributário esquerdo do rio Tibagi, na rodovia que liga Londrina a Assis em São Paulo. Ele estava na rota da picada que ligava o Aldeamento de São Pedro de Alcântara aos Aldeamento de Santo Inácio e Loreto, no rio Paranapanema, que por sua vez era a rota que ligava por terra a antiga Redução Jesuítica de Nossa Senhora do Loreto do Pirapó à Redução de São Francisco Xavier localizadas no médio rio Tibagi. Essas rotas eram conhecidas dos “Guarani” e por ela transitaram os jesuítas conforme os relatos do padre Antonio Ruiz de Montoya em 1628/30. Os Kayowá deveriam estar reocupando antigos aldeamentos no ribeirão Couro de Boi.

A antigüidade da presença de grupos “guarani” ali ainda terá de ser confirmada com pesquisas arqueológicas no local. Mas, em todo caso, nesse local, Telêmaco Borba encontrou um grupo Kayowá no dia oito de janeiro de 1876, por ocasião de sua expedição aos saltos de Sete Quedas. Os Kayowá desse aldeamento, distante um dia de viagem do antigo aldeamento de Santo Inácio do Pirapó, Paranapanema abaixo, trocaram alimentos - bananas, amendoins,³⁵ mandioca e batatas - por anzóis com os membros da expedição dos irmãos Borba.

Conclusão

Dessa forma, a partir da segunda metade do século XIX, visualizamos uma cunha de aldeamentos Kayowá e Nandeva nos territórios Kaingang do rio Tibagi. Na extremidade noroeste eles tinham ocupado os Aldeamentos Indígenas de Nossa Senhora do Loreto na embocadura do rio Pirapó no Paranapanema e o Aldeamento de Santo Inácio na foz do rio do mesmo nome com o Paranapanema. Na extremidade sul, tinha-se instalado em São Pedro de Alcântara no rio Tibagi, entre essa localidade e os aldeamentos oficiais do Paranapanema, que mesmo depois de desativados continuaram ocupados, havia um aldeamento no ribeirão Couro de Boi. O outro lado da cunha saía de São Pedro de Alcântara, seguia em direção a nordeste passando pelos aldeamentos do rio Congonhas e do rio das Cinzas alcançando os aldeamentos de Itacorá (Salto Grande) no rio Paranapanema na sua extremidade nordeste. Além disso, eles passaram a ter o controle sobre o rio Paranapanema desde a sua confluência no Paraná até acima de Salto Grande onde estavam no Aldeamento de Piraju no alto Paranapanema e na

35 . Cf. Telêmaco BORBA. *Atualidade Indígena*. Curitiba, 1908, p. 145.

33 . (Ofícios, 03/02/1880. 1880, vol. 2, p 277-278, doc. manuscrito).

34 . (ABRANCHES, 15/02/ 1874:41).

confluência dos rios Verde e Itararé no Aldeamento de São Batista da Faxina. Mas, o importante é que a presença desses grupos Kayowá nesses locais afastado dos Aldeamentos oficiais comprovam que eles tinham locais de moradias onde podiam levar uma vida independente das autoridades e das imposições dos brancos dos aldeamentos oficiais, isto é, podiam mesmo em contato com os brancos manter seus modos de vida ancestrais. Essa foi a política que implantaram logo que se fixaram nos Aldeamentos oficiais do Império. Com isso, através da aliança com os brancos eles conseguiram reconquistar parte de seus territórios no Guairá, e continuam neles até hoje nas Terras Indígenas do Norte do Paraná.

Por outro lado os índios Kaingang defenderam com todas as suas possibilidades os territórios conquistados na bacia do Paranapanema desde o século XVII. Primeiro através da renhida guerra tribal que travaram com seus inimigos Kayowá, da qual temos relatos de acontecimentos que ficaram na memória tanto dos Kaingang como dos Kayowá. Segundo, a partir da chegada dos Kayowá no Jataí em 1852 e da instalação do aldeamento de São Pedro de Alcântara os Kaingang também se aproximaram dos postos de ocupação branca em seus territórios. Em fins de 1858 assaltaram a fazenda São Jerônimo e praticamente exigiram que ali se instalasse um aldeamento nos moldes de São Pedro de Alcântara, nesse mesmo ano apareceram nesse aldeamento e passaram a disputar espaço e recursos do aldeamento com os Kayowá, além disso fizeram a guerra com estes no aldeamento de Nossa Senhora do Loreto do Pirapó em 1862. Tamanho foi seu empenho por esses territórios que continuaram na região nas Terras Indígenas de Apucarantina, São Jerônimo da Serra, Barão de Antonina, Mococa e Ortigueira.

Quanto aos brancos, utilizando-se das rivalidades entre os Guarani e os Kaingang, através da força militar com a instalação da Colônia Militar do Jataí, e dos Aldeamentos Indígenas, foram chegando e ocupando a região. Uns como o Barão de Antonina e seus apaniguados da elite dos campos gerais registraram, através da posse e antes da Lei de Terras de 1850, vastas extensões dos territórios indígenas na região. Outros, que não tinham tanto poder como os primeiros, vieram aos poucos fazendo parte da burocracia do estado imperial como: os administradores dos Aldeamentos e da Colônia Militar, os componentes das forças militares, os empregados da Colônia e dos Aldeamentos. Alguns foram ficando, fazendo suas roças de milho, feijão e mandioca, destilando aguardente, plantando fumo, criando porcos, etc. Com o tempo e com a ajuda das autoridades locais foram legalizando em seus nomes as parcelas de terras pertencentes ao Império, tanto as da Colônia Militar como a dos Aldeamentos Indígenas. Dessa forma na virada do século XIX para o XX, o Aldeamento Indígena de São Jerônimo da Serra e a Colônia Militar do Jataí tinham se transformado em pequenas vilas de ocupação branca.

Mas cabe ressaltar que a conquista não foi tão tranqüila e nem saiu como fora planejada pelas autoridades imperiais, isto é, ela entendia que com a instalação dos Aldeamentos Indígenas e a Colônia Militar para protegê-los, todos os índios seriam “catequizados e civilizados”. Não foi bem isso que ocorreu, pois Frei Timóteo que dedicou quarenta anos da sua vida no trabalho com os índios em São Pedro de Alcântara,

antes de morrer em 1895, percebeu que os índios não estavam “catequizados” e estavam exigindo a demarcação das terras que ocupavam. Ainda nos anos trinta do século XX, no início da grande ocupação pela Companhia de Terras Norte do Paraná esses territórios ainda continuavam perigosos para os brancos que nele se aventuravam.

Dessa forma, podemos afirmar que as etnias indígenas que ocuparam o vale do rio Paranapanema, sustentaram com um fenomenal esforço e também de forma militarizada, os diversos tipos de ações bélicas que lhe impuseram os conquistadores. Mas também percebemos que fizeram alianças com determinados brancos e guerra com etnias distintas pela reconquista e manutenção de territórios que consideravam seus. Assim, a história dos índios que habitaram a região está repleta de guerras intertribais, guerras contra os brancos invasores de seus territórios bem como de alianças e acordos entre eles e as autoridades e potentados locais visando a retomada/posse de largas extensões dos ricos territórios banhados pelos rios Paranapanema, Tibagi e seus afluentes. Configurando assim uma rica história de relações interculturais que vai além da simples polaridade índios versus brancos.

Referências

- ALMEIDA, Aluísio de. Achêgas à biografia do Barão de Antonina. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**, CXI v., 1947. p. 7-39.
- ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. **Ofícios** : Relatório de Frei Timóteo de Castelnuovo. 13/05/1878, v. 010, Ap, 543, p. 192.
- ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. **Ofícios** : Relatório de Frei Timóteo de Castelnuovo. 01/06/1878, v. 012, Ap. 545, p. 267.
- ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. **Ofícios** : Relatório de Frei Timóteo de Castelnuovo. 30/12/1878, v. 023, Ap. 556, pp. 218-223.
- ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. **Ofícios** : Relatório de Frei Timóteo de Castelnuovo. 03/02/1880, v. 002, Ap. 590, pp. 277-278.
- BALANDIER, Georges **Antropológicas**, São Paulo, Cultrix, 1976.
- BALANDIER, Georges. **Antropologia Política**. Lisboa, Editorial Presença, 1987,
- BALANDIER, Georges. **As Dinâmicas Sociais: sentido e poder**, São Paulo, Difel, 1976.
- BALANDIER, Georges. **El concepto de situación colonial**. Ciudad do Mexico, s.e, 1972.
- BORBA, Nestor. Excursão ao Salto da Guayra ou Sete Quedas pelo capitão Nestor Borba - Notas e considerações geraes pelo engenheiro André Rebouças. **RIHGB**, 61(97):66-87, 1896.

- BORBA, Telêmaco. **Actualidade indígena**. Curitiba, Impressora Paranaense, 1908.
- BORBA, Telêmaco. Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, 6:53-62, 1904.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo : Cia. das Letras, 1995.
- BROTERO, Francisco de Barros. **Barão de Antonina. Apontamentos Genealógicos**. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, s/d.
- CAVASO, Emilio da. Libanio Iguajuru: nobre figura indígena na história do Paraná. Curitiba, **BIHGEP**, 38:161-169, 1981.
- CORTESAO, Jaime (Org.). **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá. (1594-1640)**. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1951.
- CUNHA, Manuela C. da. **Legislação Indigenista no Século XIX**, São Paulo : Edusp, 1992.
- CUNHA, Manuela C. da. **Os Direitos dos Índios**, São Paulo : Brasiliense, 1987.
- DI CREDDO, Maria do Carmo. **A Propriedade da terra no vale do Paranapanema - a fazenda Taquaral (1850/1910)**. São Paulo, 1987. Tese (Doutorado em História), FFCH-USP.
- ELLIOT, João H. A emigração dos Cayuaz. **RIHGB**, Rio de Janeiro, 19(21): 434-474, 1898.
- ELLIOT, John H. As “entradas” de Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliot. **RIHGESP**, São Paulo, 28:249-
- ELLIOT, John Henrique. Itinerário das viagens exploradoras pelo Sr. Barão de Antonina para descobrir uma via de comunicação entre o porto da villa de Antonina e o Baixo-Paraguay na província de Mato-Grosso: feitas nos annos de 1844 a 1847 pelo sertanista o Sr. Joaquim Francisco Lopes e descriptas pelo Sr. João Henrique Elliott. **RIHGB**, Rio de Janeiro, 10:153-177, 1848.
- JUZARTE, Theotonio José. Diário da Navegação do rio Tietê, rio Grande Paraná, e rio Guatemi (...) In: Afonso de E. TAUNAY. **Relatos Monçoeiros**. São Paulo, Livraria Martins, 1976.
- LIMA, Antônio Carlos de Souza. **Um grande cerco de paz: poder tutelar e indianidade no Brasil**. Rio de Janeiro, 1992, Tese (Doutorado em Antropologia Social) Museu Nacional/UFRJ.
- LOPES, Joaquim Francisco. Itinerário de Joaquim Francisco Lopes encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre a província de S. Paulo e a de Matto-Grosso pelo Baixo Paraguay. **RIHGB**, Rio de Janeiro, 13:315-335, 1850.
- MACHADO, João da Silva (Barão de Antonina) Carta do Barão de Antonina ao Ministério da Guerra em 21/12/1842. **RIHGB**, Rio de Janeiro, 5:109, 1842.
- MACHADO, João da Silva (Barão de Antonina). As entradas de Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliot - o Barão de Antonina. **RIHGESP**, 28, p. 261-262, .
- MACHADO, João da Silva (Barão de Antonina). Cópia da participação official, que

em data de 2 de Setembro de 1843 dirigiu João da Silva Machado (hoje barão d'Antonina) ao governo da província, acerca dos alojamentos de indígenas no município de Itapeva. **RIHGB**, Rio de Janeiro, 8:251, 1846.

MELLÀ, Bartolomeu. A Terra sem mal dos Guarani - economia e profecia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, 33:33-46, 1990.

MOTA, Lucio Tadeu (Org.), NOELLI, Francisco Silva (Org.), TOMMASINO, Kimiye (Org.). **Uri e Wãxi: estudos interdisciplinares dos Kaingang**. 1ª. ed. Londrina: EDUEL, 2000.

MOTA, Lucio Tadeu (Org.). **Diagnóstico etno-ambiental da Terra Indígena Ivaí-PR**. Maringá: Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações, 2003.

MOTA, Lucio Tadeu. **As cidades e os povos indígenas: mitologias e visões**. Maringá: Eduem, 2000.

MOTA, Lucio Tadeu. **As colônias indígenas no Paraná provincial**. Curitiba: Aos quatro ventos, 2000.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As Guerras dos Índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1770-1924)**. Maringá, Eduem, 1994.

MOTA, Lúcio Tadeu. Os índios Kaingang e as autoridades do Paraná provincial: uma interpretação de três documentos da Câmara Municipal de Ponta Grossa – PR, de 1880. **Pós-História**, Assis-SP, 03:139-163, 1995.

MOTA, Lucio Tadeu. **Os índios Kaingang e seus territórios nos campos do Brasil meridional na metade do século passado**. In: MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva; TOMMASINO, Kimiye. (Org.). **Uri e Wãxi: estudos interdisciplinares dos Kaingang**. 1ª. ed. Londrina, 2000, v. 1, p. 81-190.

MURA, F. O tekoha como categoria histórica: elaborações culturais e estratégias kaiowa na construção do território. *Fronteiras*, 8(15): 109-143.

NIMUENDAJU, Curt. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da Religião dos Apapocuva-Guarani**. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1987.

NOELLI, F. S. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 1997, 39(2):7-118

NOELLI, Francisco Silva. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. **Revista de Antropologia**, São Paulo, 39(2):7-118, 1997.

NOELLI, Francisco Silva. **Sem Tekoha não há Teko: em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani a uma área de domínio no delta do Jacuí - RS**. Porto Alegre, 1993, Dissertação (Mestrado em História Ibero-Americana) PUC-RS.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **O Nosso Governo: os Ticunas e o regime tutelar**. São Paulo: Marco Zero; Brasília: MCT-CNPq, 1988.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. Cultura material e identidade étnica na arqueologia brasileira: um estudo por ocasião da discussão sobre a tradicionalidade da ocupação Kaiowá da terra indígena Sucuri'y. *Revista de Arqueologia*, 19:29-49, 2006.

PARANÁ. Governador (1870-1873 : Lisboa). **Relatório com que o Exmo. Sr. Presidente Dr. Venancio José de Oliveira Lisboa abriu a 1ª sessão da 10ª legislatura da Assembléa Legislativa Provincial do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1872.** Curitiba : Typ. Viuva Lopes, 1872.

PARANÁ. Governador (1873-1875 : Abranches). **Relatório com que o Excellentissimo Senhor Doutor Frederico José Cardoso de Araújo Abranches abriu a 1ª sessão da 11ª legislatura da Assembléa Legislativa Provincial no dia 15 de fevereiro de 1874.** Curitiba : Typ. Viuva Lopes, 1874.

PINHEIRO, Niminon Suzel. **Os Nômades: etnohistória Kaingang e seu contexto: São Paulo 1850 a 1912.** Assis, 1992. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP.

PINTO JUNIOR, Joaquim Antonio. **Memoria sobre a cathechese e civilização dos indígenas da provincia de S. Paulo.** Santos, s/e, 1862.

PRESTES, Antonio Dias Baptista. Um Manuscrito do capitão Antonio Dias Baptista Prestes. **RIHGSP**, 28:773-795.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Caçadores e coletores da pré-história do Brasil.** São Leopoldo - RS, UNISINOS, 1984.

SOARES, A.L.R. Guarani: organização social e arqueologia. Porto Alegre, Edipucrs, 2003.

TOMMASINO, Kimiye. **A História dos Kaingang da Bacia do Tibagi: uma sociedade Jê meridional em movimento.** São Paulo, 1995. Tese (Doutorado em Antropologia) Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo.

TOMMASINO, Kimiye. **As várias formas de inserção dos índios na sociedade nacional: os Kaingang e os Guarani do Estado do Paraná.** Londrina, mimeo. 1991.

WISSENBACH, Maria C. C. Desbravamento e catequese na constituição da nacionalidade brasileira: as expedições do Barão de Antonina no Brasil Meridional. **Revista Brasileira de História**, São Paulo 15(30):137-155, , 1995.